Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 301

1 DE MAIO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela travessa do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Queria hoje fallar-lhes de livros, só de livros, e no fim de contas, ainda mais uma vez, me vejo obrigado a fallar-lhes de theatros, só de theatros.

Em primeiro logar porque os theatros é que constituiram as grandes novidades da semana, em segundo logar por que estes acontecimentos theatraes passam depressa, é necessario agarral-os no caminho que é rapido e curto, emquanto que os livros ficam sempre por mais algum tempo, por pouco que tenham que viver, e os dois livros de versos que temos sobre a nossa mesa — a *Estatua* de Francisco Palha e as *Poesias* de Joaquim da Costa Cascaes são d'aquelles que hão de viver longos annos, dos raros que hão de ficar, por que ha n'elles ambos uma coisa, que zomba do tempo, da moda e das escolas — essa coisa que se chama talento.

Portanto, como estes livros podem bem esperar, deixal-os-hemos esperando as férias de acontecimentos, que o verão que se avisinha nos promette muito proximas, e fallemos de theatros.

São de dois generos perfeitamente oppostos os assumptos que os theatros nos forneceram n'estes ultimos dias: — alegres, os que o palco nos deu, tristes os que nos vieram dos bastidores: a apotheose triumphante d'um grande artista estrangeiro, e a morte obscura, quasi que ignorada, de tres pobres artistas, que se nunca conheceram de perto a gloria radiante do genio, tiveram tambem as suas noutes de festa, as suas horas de triumpho, os seus minutos de enthusiasmo.

Começaremos por fallar d'esses tres pobres mortos — os mortos passam depressa e estes que não occuparam no mundo grande logar, eram já esquecidos antes de terem fechado os olhos e amanhã já ninguem fallará d'elles, já ninguem saberá o seu nome!

E entretanto elles tinham o seu valor, tiveram a sua importancia no seu pequeno mundo artistico, trabalharam duramente, luctaram com valor n'essas asperas refregas da arte e venceram algumas vezes, e espalhemos algumas saudades sobre as suas covas, de fresco fechadas, antes que sobre ellas se alastre completamente o esquecimento, que em vida começára já a amortalhal-os.

Em menos d'uma semana, morreram em Lisboa esses tres artistas da velha guarda, — José Romano, Maria do Ceu e Ernestina Lorena.

Todos tres eram umas individualidades originaes, e a historia de dois d'elles, sobre tudo, do primeiro e da ultima, pertence á galeria dos excentricos do theatro, d'esses excentricos de que Luiz Palmeirim o illustre homem de lettras, tem feito algumas chronicas esplendidas e interessantissimas.

José Romano era um perfeito original.

Valor tinha-o elle, é inegavel, mas esse valor era prejudicado permanentemente por uma immensidade de circumstancias, umas creadas pelo Acaso, outras fabricadas por elle proprio, que nunca lhe deixaram tomar um logar importante, nem entre os homens de lettras, nem entre os artistas.

José Romano não era já uma creança. Era velho no mundo e velho na arte.

Na arte era mais que velho, era antigo, um antigo intransigente e d'ahi o silencio que ha muitos annos se fez em torno d'elle.

Quando começámos a frequentar o mundo dos bastidores encontrámos lá immediatamente, ao tanspor a primeira caixa de theatro, o José Romano, já com as suas grandes barbas grisalhas que lhe davam o aspecto biblico d'um Jehovah de illuminura de Velho Testamento.

N'esse tempo o seu periodo aureo tinha já passado, mas ainda assim, a sua opinião era ouvida attentamente em questões d'Arte, as suas peças se já não faziam o fanatismo dos *Martyres da Germania*, eram acceites immediatamente pelos empresarios, davam boas recitas aos theatros, e inspiravam confiança aos artistas.

O José Romano era ao mesmo tempo auctor dramatico, ensaiador e actor.

E foi talvez isto que começou a fazel-o decahir.

Auctor dramatico, José Romano, sabia architectar, segundo o gosto d'então, uma peça para agradar ás platéas populares, manejava com habilidade todos os *trucs* dos fazedores de dramas de situações, e a sua linguagem, senão tinha primores de litteratura, vestia muito rasoavelmente as idéas dos seus personagens, que não eram muitas no fim de contas, mesmo por que este genero de peças não comporta essa bagagem aos seus tripulantes.

Como ensaiador, José Romano, foi no seu tempo um bom ensaiador. Era muito zeloso, tinha uma certa illustração, que lhe dava certa auctoridade, e sabia da sua arte.

A Arte porém foi caminhando com o andar dos tempos, mas elle não quiz saber d'isso; conservou-se intransigente dentro da sua arte de ha vinte an-

BELLAS-ARTES

Estatua de Felix de Avellar Brotero, Esculptura de Soares dos Reis
Inaugurada no Jardim Botanico da Universidade de Coimbra, em 30 de Março de 1887
(Segundo uma photographia de Biel)

nos e d'ahi as suas deficiencias enormes como ensaiador moderno.

Depois José Romano foi sempre infeliz. A sorte nunca morreu d'amores por elle, e a sua infelicidade em cousas de theatro era tão grande, que até se apegava aos theatros onde elle trabalhava como ensaiador.

D'ahi, o fazer-se immediatamente entre os comicos, que são geralmente supersticiosos como marinheiros, uma lenda de *enguiço* que o acompanhou toda a sua vida, e que parece incrivel, mas é profundamente verdade, lhe tirou muito pão que elle procurava no trabalho, no trabalho que quasi todos os theatros lhe recusavam por elle ser... Calixto.

Um theatro estava prospero: entrava para elle o José Romano, e lá ia tudo por agua abaixo.

E o mau é reparar-se n'isto uma vez.

Reparou-se.

Um segundo facto veio coroborar o primeiro, e o pobre ensaiador passou em julgado como portador de *guignon*, e todos os theatros fugiam d'elle como um bom napolitano foge d'um *jettatore*.

Como acima dissemos, parece-nos que o José Romano não se contentar em ser auctor, e auctor applaudido que o era, e em ser ensaiador, e ensaiador bom que o foi para o seu tempo, e querer ser tambem actor foi um dos motivos da sua rapida e injustificada decadencia.

José Romano tinha um defeito de pronunciação, uns *rr* terriveis, que quando elle representava, assobiavam pela sala como os *ralos* no campo, nas horas mais quentes d'um dia de verão.

Apesar d'este defeito enorme, que inutilisaria a mais notavel vocação dramatica, José Romano, que diga-se de passagem nem por sombras tinha um ceitil d'essa vocação, persistiu em representar.

E representar o que? Pequenos papeis, sem importancia, em alguma comedia insignificante ou em algum dramalhão mediocre?

Qual historia!

José Romano lançava-se nos mais difficeis papeis do grande reportorio, e uma bella noite apresentou-se no theatro da rua dos Condes, que Deus tem, a representar, o Othello!

Já lá vae um bom par d'annos sobre essa noite memoravel, mas lembro-me d'ella como se fosse hontem.

Nunca na minha vida ri tanto em theatro, nunca tanto tornei a rir. Aquella tragedia shakespereana assim representada, tinha uma intensidade comica, uns effeitos burlescos inesperados, inteiramente novos, que nunca mais encontrei nem nas mais desopillantes comedias do reportorio hilariante de Taborda, Valle, Antonio Pedro e Leoni.

O *Othello* teve uma representação unica, em beneficio de José Romano. O theatro trasbordava d'espectadores,—e a peça teve um colossal successo de gargalhada. No fim da tragedia, quando o Othello mata Desdemona, o publico pediu *bis*.

Ora toda esta troça contribuiu poderosamente para diminuir a auctoridade de José Romano como actor e como ensaiador, e cremos, que foi esse beneficio de pura especulação commercial, que motivou a rapida decadencia theatral, d'esse infatigavel trabalhador, que inegavelmente tinha talento, e tinha tenacidade, certa illustração e um grande amor por cousas de theatro.

Pouco a pouco o nome de José Romano foi desapparecendo dos elencos das companhias, como ensaiador, e dos cartazes dos theatros como auctor dramatico.

José Romano escreveu e fez representar muitas peças, algumas com grande successo.

Fez noventa e nove peças, segundo disseram alguns periodicos. A centessima fez-lh'a a morte, disse um dos nossos mais espirituosos jornalistas.

Ultimamente José Romano escrevera uma parodia da *Carmen*, que andou pelas mãos de todos os emprezarios de theatros populares, mas que por fim nunca foi representada.

Uma das suas parodias, a *Traviata*, teve grande *successo* no Gymnasio, representada com uma veia comica irresistivel por Taborda e Maria Joanna: e outra, a *Lucrecia Borgia*, fez igualmente epocha, desempenhada por Maria Joanna e Ribeiro.

José Romano era tambem musico e cantor de egrejas, e foi exclusivamente d'isso que viveu n'estes ultimos annos, em que desappareceu das caixas do theatro.

Ha muito tempo que o não viamos: ultimamente soubemos que elle estava doente com uma pneumonia, d'ali a dois dias chegava-nos a noticia de que elle morrera.

Tivemos sinceramente pena d'elle: era um denodado trabalhador e se tivesse podido trabalhar mais á larga, se não tivesse sido toda a vida espicaçado por essa terrivel necessidade de trabalhar muito para ganhar pouco, José Romano, com as suas aptidões, teria deixado algumas obras mais dignas do seu talento, porque tinha talento, effectivamente, o que nunca teve, foi tempo para cuidar demasiadamente dos seus trabalhos, para robustecer esse talento pelo estudo e pela reflexão.

Paz á sua alma!

Maria do Ceo foi uma actriz que teve tambem a sua epocha de gloria, o seu tempo de nomeada.

Não a encontrámos já nos seus annos de triumpho, mas ainda assim, apesar de velha e doente, vimol-a ainda colher ruidosos e justos applausos n'um papel difficil que ella desempenhou com talento—o de sr.ª Raquin no drama de Zola.

Teve merecimento, teve applausos, morreu pobre, legando ao theatro duas filhas, que debutaram n'esta epoca no theatro dos Recreios, e que se não se apresentam como futuras estrellas, não tiram esperanças de um dia occuparem um logar senão brilhante pelo menos apreciavel e util no nosso theatro.

A outra actriz morta, foi uma flôr da Bohemia dos nossos bastidores, a actriz Ernestina de Lorena.

Teve uma vida muito accidentada, toda ella cortada de peripecias romanescas, cheia de esplendores e miserias.

Foi uma formosa mulher, elegante, intelligente, sentimental, sobre tudo sentimental. Tinha a sentimentalidade doentia d'uma heroina de romance antigo, e essa sentimentalidade levou-a por tres vezes a essa cousa tragi-comica, que se chama suicidio por amor.

Por tres vezes se matou essa formosa mulher, que hoje morreu de vez, coitada, exactamente quando não procurava a morte.

Quando a procurava nunca a encontrou, d'ahi um certo ridiculo sobre os seus suicidios frustrados, que ainda assim, apesar de *manqueés* deixavam sempre no seu organismo doentio estragos terriveis, que de dia para dia se aggravavam.

Como actriz nunca Ernestina de Lorena fez grande carreira.

Tambem não sabemos bem porquê.

Ella era bonita, tinha bella figura, era intelligente; mas o que a prejudicava tambem no theatro, era a excessiva sentimentalidade, que tanto a prejudicou na sua vida intima.

Tinha alma demais, era toda coração, no theatro, e dava aos seus personagens um tom plangentemente romantico que se tornava insupportavel.

Gostava muito de recitar poesias, e a *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro, tinha todas as preferencias da sua alma romantica e sentimental.

É incalculavel o numero de vezes e de theatros em que Ernestina de Lorena recitou a *Judia*.

Agora, ha muito tempo não tinha escriptura em theatro algum; o seu nome não fôra tão glorioso que não esquecesse depressa, e quando ninguem se lembrava já d'elle, appareceu esse nome a fazer-se tristemente recordar na necrologia.

Pobre mulher e pobre artista!

Esgotamos toda a nossa chronica com as noticias tristes que nos vieram dos theatros, de modo que não temos espaço para a noticia alegre—as recitas de Coquelin.

Tambem não o lamentamos muito: só podémos ouvir o grande actor francez nas suas tres ultimas recitas: não o vimos nas *Preciosas Ridiculas* onde elle tem o papel mais extraordinario que desempenhou em Lisboa e por isso, para a proxima chronica, depois de termos assistido—se Deus nol'o permittir,—ás outras quatro recitas que elle dá no theatro de D. Maria, fallaremos detidamente d'esse grande actor, de quem o Occidente publica hoje o retrato.

Fóra do theatro é tambem a necrologia que nos fornece um assumpto para a nossa chronica.

Morreu na Lamarosa, depois d'um prolongado e doloroso soffrimento o sr. Visconde de Monte São, estremecido pae dos nossos presados amigos os srs. Conde de Valenças e Cyprianno Jardim.

O sr. Visconde de Monte São era um dos homens mais notaveis da nossa terra pelo seu saber e pelas suas virtudes.

Tivemos a honra de conhecer pessoalmente esse illustre e santo velho, honra que nos custa hoje a saudade sincera e o sentimento profundo que nos causou a noticia da sua morte.

E por isso, enviando o nosso pesame aos illustres filhos do querido morto, partilhamos a sua dor, comprehendemos, pela nossa, a sua pungentissima saudade.

Gervasio Lobato.

ESTATUA DE FELIX DE AVELLAR BROTERO

(Esculptura de Soares dos Reis)

Realisou-se no dia 30 de março ultimo, no jardim botanico da Universidade de Coimbra a inauguração do monumento erguido por subscripção publica ao sabio naturalista e um dos membros que mais honrou o bom nome d'aquelle estabelecimento scientifico, Felix de Avellar Brotero.

A estatua, em marmore de Carrara de 2.ª qualidade, foi encarregada ao talentoso esculptor portuense Soares dos Reis, que n'esta obra revelou mais uma vez os poderosos recursos da sua concepção e os primores delicados do seu cinzel.

O illustre professor representa-se sentado e vestido com os trages universitarios, apoiando-se nos braços da cadeira e segurando na mão esquerda a borla doutoral.

A phisionomia tem a expressão profunda e suave do pensador, a attitude é naturalissima e a cabeça e mãos estão tratadas com essa correcção de desenho que distingue todos os trabalhos do insigne estatuario.

A nosso vêr, porém, a figura notabilisa-se ainda mais pelas roupas, um estudo admiravel feito com a consciencia de quem sabe tirar todo o partido d'esses accessorios, sem lhes exagerar as fórmas nem violentar a disposição.

A largueza da modelação, a naturalidade das pregas que cahem amplamente sem durezas de linhas, as pequenas rugosidades do tecido que se adapta ás diversas fórmas do corpo, emfim a elegancia harmoniosa de todas as minuciosidades, contribuem para o aspecto grandioso e monumental da estatua.

Quando o sr. dr. Julio Henriques, o dedicado e prestante iniciador do monumento, incumbiu a execução da estatua a Soares dos Reis, este poz como condição imprescindivel o representar o sabio sentado, por desejar, d'este modo, afastar-se por uma vez ao menos, do uso tão seguido de exhibirem de pé e em attitudes mais ou menos academicas, os heroes que se pretende glorificar em monumentos publicos.

Esta lembrança, se satisfez o seu ideal artistico, redundou comtudo em prejuizo dos seus interesses materiaes, porque o preço estipulado da obra de arte, pouco mais o compensou do custo e transporte da pedra (1) e do trabalho do esboçamento.

Estes erros de calculo são muitas vezes vulgares n'aquelles que, como Soares dos Reis, se deixam impellir mais pela sua paixão do *metier* do que pelos proventos que d'elle lhe deveriam resultar.

Assim, pois, pela sua parte, Soares dos Reis contribuiu tambem com o seu desinteresse, para se saldar uma divida de honra para com a memoria d'um vulto notavel da sciencia portugueza, dotando ao mesmo tempo o seu paiz com mais uma obra de arte a todos os respeitos magnificente.

Manuel M. Rodrigues.

O CAPITÃO DE MAR E GUERRA
ANTONIO JOAQUIM DA SILVA COSTA

Damos hoje no Occidente o retrato e traços biographicos d'este distincto official da marinha de guerra portugueza, cujo fallecimento em Moçambique no dia 13 de abril, o telegrapho nos noticiou.

Não é para estranhar que a triste e inesperada nova, surprehendesse desagradavelmente a corporação da armada, como effectivamente succedeu, porque o official que acaba de fallecer longe dos seus e com todas as probabilidades victima do seu zelo pelo serviço, era estimado por to-

(1) O transporte da pedra, de Lisboa para o Porto, pelo caminho de ferro, importou em nada menos de 200$000 réis!

dos que com elle tinham trato por reconhecerem n'elle um caracter honesto, muito zelo no cumprimento dos seus deveres, e ser considerado geralmente como um homem de bem, e um bom official.

Nada fazia antever a aproximação de tal acontecimento—Não contando ainda sessenta annos de idade, de uma constituição robusta, e habituado a viver nos climas intertropicaes, todos esperavam vêl-o regressar á metropole como tencionava, logo que findasse a estação.

A pendencia entre o nosso governo e o sultão de Zanzibar, levou-o a Tungui, na qualidade de commandante da canhoneira *Vouga* e da divisão naval da Africa Oriental.

Não era o capitão de mar e guerra Costa, homem que tivesse em conta, o resguardar-se das influencias climatericas, quando se tratava de cumprir um serviço, para o bom exito do qual, elle julgasse sêr preciso desprezar esse resguardo; por isso quem o conheceu, não põe em duvida, que o expôr-se em demasia ás influencias do clima, e por ventura o affectarem-o excessivamente as difficuldades, que de certo encontrou para n'aquella conjuntura, cumprir o serviço como desejava, foi o que deu logar a que hoje tenha de se lamentar a sua morte.

Não devemos ser taxados de exaggerados quando avançamos que tão fatal acontecimente foi uma perda para a nossa marinha de guerra. Era elle um dos poucos officiaes que restam, dos que receberam a sua educação maritima, quando ainda o vapor não tinha entre nós vindo em auxilio da navegação, e que as viagens, fazendo-se exclusivamente pelo impulso do vento sobre as vellas, demandavam da parte de quem as dirigia uma pericia, que hoje em parte se não adquire; e o capitão de mar e guerra Costa evidentemente a adquirira, gozando e merecendo a reputação de habil navegador, e fino manobrista.

Ninguem que com elle tivesse navegado, lhe contestava o ser, além de muito activo e diligente no serviço, um corajoso official. Ante os perigos inherentes á vida do mar, ninguem o viu empallidecer, e nas poucas occasiões que em frente de perigos de outra ordem, teve occasião de se encontrar, não deixou de mostrar coragem, como testemunham as recompensas, que por tal motivo lhe foram dadas, e que n'elle não representavam favor, mas sim justiça.

Alguma carencia de placidez, que fazia com que nas circumstancias anormaes se exaltasse, só se podia attribuir ao seu temperamento nervoso, e nunca traduzir-se como falta de presença de espirito, ou de coragem, para affrontar quaesquer perigos.

São prova do seu excellente serviço os louvores que alcançou e que constam dos seus assentamentos officiaes; foram-lhe elles dados pelos seguintes motivos: Pela maneira como desempenhou os seus deveres militares, distinguindo-se no combate contra os piratas, que infestavam os mares proximos a Macau, apresentando com a flotilha em que elle servia, 10 embarcações d'aquelles, destruindo 6 e queimando 2 povoações em que os piratas se acoitavam.

Pelo zelo e actividade e bom serviço que prestou merecendo particular attenção do governador de Macau em 4 de janeiro de 1856, serviço que egualmente foi notado pelo commandante de um navio de guerra francez, que o elogiou ao dito governador.

Pela dedicação e zelo que mostrou, como commandante da escuna *Barão de Lazarim*, estacionada em Macau. Pelo acerto zelo e disciplina com que procedeu, por occasião de assumir o commando da corveta *Duque de Palmella*, cujo commandante, o capitão de fragata Ferrari falleceu, na occasião em que o navio encalhou, proximo de Saigon em março de 1878.

Em 1854, sendo official da guarnição da corveta *D. João I* do commando do capitão de fragata Craveiro Lopes, tomou parte no apresamento do pirata Apak na China.

Em 1863, foi elogiado pelo governador de Bombaim, em seu nome e no do commandante do vapor *Bénerice*, que havia encalhado, pelo modo porque trabalhou para que o vapor desencalhasse o que conseguiu.

Os dois unicos cargos que desempenhou em terra, foram o de superintendente do Arsenal de marinha durante mais de 3 annos, e o de governador de Dio; todo o mais serviço que prestou foi como embarcado, ou na qualidade de official da guarnição ou como commandante.

As commissões de commando que exerceu foram: Estação naval de Moçambique, estação naval de Macau (interino), divisão naval da Africa Oriental, escuna *Barão de Lazarim*, barca *Martinho de Mello* (encarregado), corveta *Damão*, corveta *Duque de Palmella* (interino), corveta *Rainha de Portugal*, corveta *Bartholomeu Dias*, e canhoneira *Vouga*.

A sua carreira militar foi assim seguida:

Assentou praça como aspirante a guarda marinha em junho de 1841, promovido a segundo tenente em 1851; primeiro tenente em 1860; capitão tenente em 1871; capitão de fragata em 1876 e finalmente capitão de mar e guerra em 1883 sendo quando falleceu, o n.º 5 n'esta classe. Tinham-lhe sido conferidas as seguintes distinções honorificas.

Commendador e cavalleiro de S. Bento d'Aviz, cavalleiro da Conceição, official da Torre e Espada, medalha concedida ao merito philantropia e generosidade, e as medalhas de prata de bons serviços, valor militar e comportamente exemplar.

Antes de terminar uma carreira, que se póde dizer brilhante, mereceu mais uma vez, o ser elogiado pelo actual governador de Moçambique em portaria de 3 de fevereiro de 1886, pelos serviços que a divisão do seu commando prestou na occupação da parte meridional da bahia de Tungui. O capitão de mar e guerra Costa, deixa de si um bom nome na armada e exemplo de dedicação pelo serviço, muito para seguir.

J. C. A.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

II

É sabido que as linhas ferreas têem a particularidade de operarem a transformação das zonas que atravessam, mas uma transformação tão radical como a que esta de que nos occupamos realisou no sitio de Alcantara, é que poucas se pódem gabar de conseguir.

Onde estavam terrenos maltratados, repositorios de immundicies, vêem-se hoje espaçosos barracões elegantes; onde corria agua infecta n'um caneiro assassino dos pobres moradores das visinhanças, ostenta-se agora a bem lançada estação de passageiros; nas velhas margens antigamente chamadas *Horta Navia* assentam-se actualmente os primeiros rails da nova linha.

Até o velho S. Pedro parece destinado a mudar de logar.

E verdadeiramente, o bondoso santo não estava ali bem; elle que tem por missão guardar as portas do ceo, não se podia sentir á vontade ás portas da cidade, embora por essas se entre na rua do Livramento.

A nova linha é, como se sabe destinada não só a ligar a capital á fresca e poetica Cintra, como tambem á villa de Torres Vedras, região muito importante pela sua producção vinicola, e muito notavel na historia, pelos memoraveis combates que ali se feriram, n'aquella guerra fratricida que tantas vidas custou ao nosso paiz e entre outras, a do valoroso campeão Mouzinho de Albuquerque, e ainda se destina a nova linha a ser a vanguarda da futura linha de Torres á Figueira e Alfarellos, onde se deve ligar á linha do norte.

A extensão total actualmente em exploração é de 28 kilometros, e em breve será de mais 47, quando abrir a parte do Cacem a Torres Vedras.

As estações são ao todo 11 com 3 apeadeiros.

São muitas, e algumas importantes, as suas obras de arte, das quaes a principal é o grande tunnel de Alcantara ou dos Terramotos, nome dado áquelle sitio por motivo das grandes transformações que a catastrophe de 1755 n'elle operou.

O primeiro traçado não incluia este tunnel, seguindo a falda da montanha, evitando assim o consideravel custo da obra.

Os terrenos n'este ponto, porém, não offereciam estabilidade e por isso preciso foi emprehender este trabalho que veio agravar consideravelmente os gastos da construcção.

A sua extensão é de 540 metros, em recta, e a profundidade maxima 52 metros.

Retrocedamos, porém para descrever a estação de Alcantara, representada n'uma das nossas gravuras.

Esta estação foi construida, como acima se diz, em grande parte sobre o antigo caneiro, que para isso teve que ser coberto em mais de 240 metros, alterando-se-lhe tambem em grande extensão o curso das aguas, para accommodação das diversas dependencias da *gare*.

Comprehende esta um edificio para passageiros, com salas de espera, vestibulo de bagagens, escriptorios para o inspector, telegrapho, chefe da estação, etc., formando um parallelogramo de 95 metros por 10 de fundo.

O accesso para passageiros e bagagens faz-se pelo lado do poente, onde a entrada é coberta com uma elegante *marquise*.

Até dentro d'este recinto de entrada vem a linha americana que a companhia Carris de ferro construiu expressamente para serviço da estação e que liga á rede geral, pela rua do Assento, (onde os vehiculos descarrilam com toda a perfeição) na rua Nova do Caes do Tojo.

Do lado interior a estação é coberta por uma larga *marquise* envidraçada, que descança de um lado no edificio de passageiros, e do outro em columnas assentes n'um passeio de egual comprimento.

Segue, do lado poente, um caes para volumes transportados por grande velocidade, com accesso especial pela antiga rua da Fabrica da Polvora e depois uma cocheira para 24 carruagens em 8 vias servidas por um *charriot*.

Em frente estende-se o grande caes de mercadorias, de 90 metros de extensão, coberto em metade, com accesso pela antiga estrada de circumvalação da cidade, ao qual segue um outro para vehiculos e gado e outro ainda, pequeno e isolado, para materias inflamaveis.

Em face d'este será o grande caes para carvão, que fica em frente de uma rotunda para 6 machinas, com officina de reparação annexa.

Sahida a estação e passado o tunnel que já fica descripto, desenrola-se á vista o mais brilhante panorama.

De um lado e do outro da linha as variegadas tintas das differentes culturas que atapetam a montanha de Campolide, á direita, e a serra de Monsanto, á esquerda, semeadas de um sem numero de casas de differentes tamanhos, desde o vasto edificio da companhia de estamparia até as pequenas casinhas dos trabalhadores, formam um bello conjuncto que delicia a vista e torna a viagem encantadora.

Outra gravura que publicaremos no proximo numero, representa o viaducto de Sant'Anna, que é o maior da linha.

A sua extensão é de 150 metros em cinco tramos metallicos de 30 metros cada um, sobre 4 pegões de pedra.

A construcção d'este viaducto, assim como a dos demais da linha, foi incumbida á casa Eiffel que tão justa fama tem ganho pela perfeição de todas as obras que sahem das suas largas officinas, e que no nosso paiz tem já vinculados os seus creditos na construcção das pontes do Porto, das da linha da Beira Alta e outras muitas.

Este viaducto atravessa a ribeira de Alcantara e o valle de Sant'Anna á altura de 12 metros e meio.

Nos proximos numeros continuaremos dando outras vistas dos principaes pontos da interessante linha que hoje está sendo a mais frequentada do paiz, e que está destinada a um largo futuro, não só pela belleza como pela importancia das regiões que atravessa, e das que serão servidas pelas outras linhas que a ella se ligam.

L. de Mendonça e Costa.

COQUELIN

Coquelin, o grande e glorioso artista que está sendo actualmente o grande acontecimento de Lisboa, chama-se Benoit Constant Coquelin e nasceu em Boulogne-sur-mer em 25 de janeiro de 1841.

Seu pae um honrado e obscuro commerciante pensava em dedical-o tambem ao commercio, mas Benoit depois de ter feito os seus primeiros estudos no collegio da sua cidade natal, mostrou desejos de seguir a vida de theatro.

Seu pae, ao contrario dos paes tradiccionaes de todos os grandes artistas que amontoam obstaculos ás vocações de seus filhos, deu-lhe completa liberdade de seguir a carreira que quizesse e foi assim que Benoit Constant Coquelin, partiu para Paris expressamente para se matricular no conservatorio.

Chegou á grande cidade e foi ter com Regnier, o eminente artista e illustre professor e entrou para a sua aula.

No fim d'um anno, no concurso ordinario, Coquelin representou o papel de Chrispim no 1.º acto das *Folies amoureuses*, tão notavelmente que o jury quiz dar-lhe o 1.º premio.

Mas o regulamento do conservatorio de Paris prohibe ao alumno premiado com o 1.º premio, continuar a cursar o conservatorio, e Regnier querendo conservar ainda mais um anno o seu brilhante discipulo, em quem advinhára a celebridade do dia seguinte, fez com que se lhe désse apenas o segundo premio.

No anno immediato, 1860, Coquelin sahiu do conservatorio, foi logo escripturado para a *Comedie Francaise* onde debutou na noite de 7 de dezembro, no papel de Gros René do *Depit Amoureux*.

Os outros papeis dos seus *debutes* foram Petit Jean dos *Plaideurs* e Sylvestre das *Fourbèries de Scapin*.

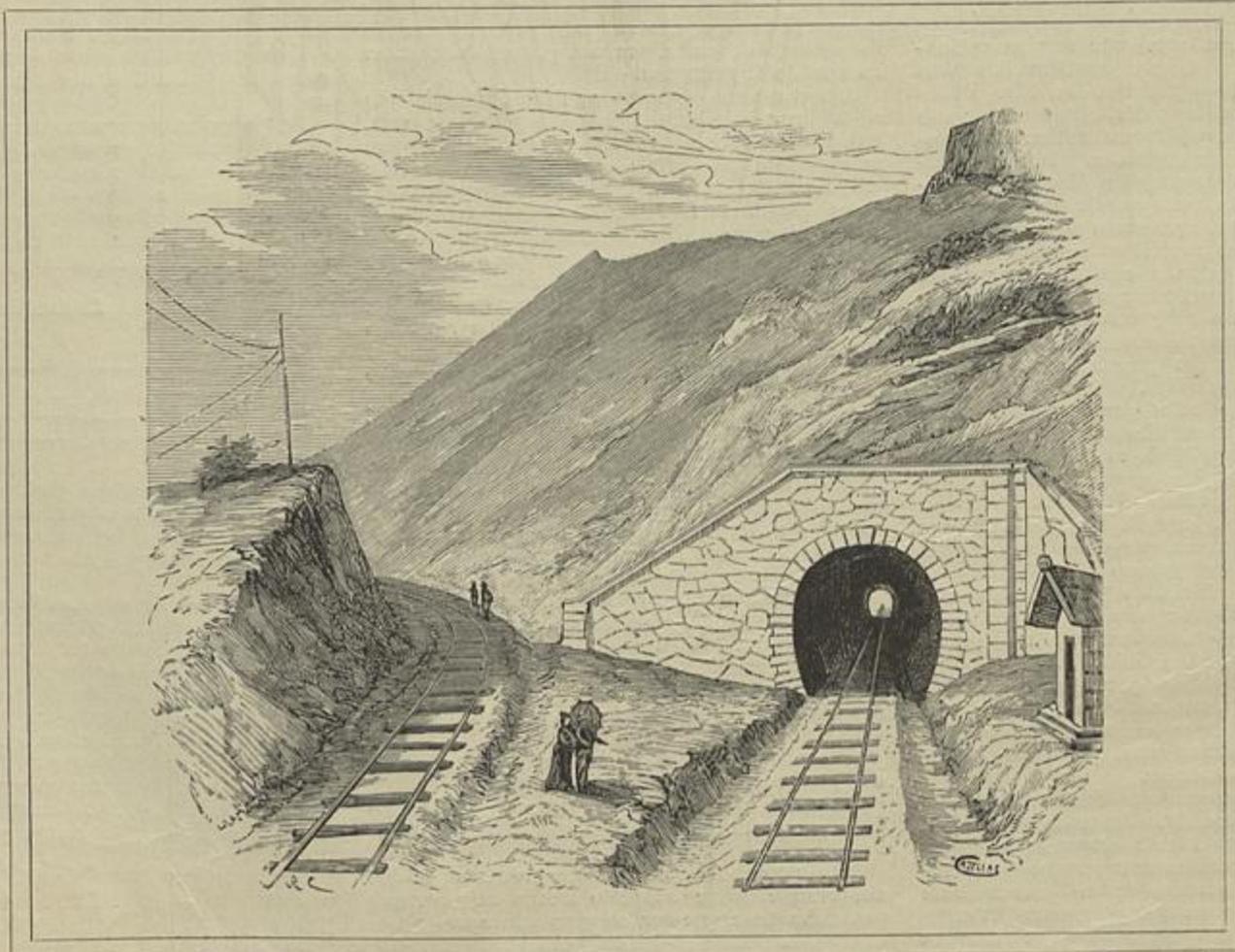
Coquelin agradou logo immenso ao publico do theatro francez desde os seus começos; a variedade que apresentava nos seus typos, a arte delicada e estranha com que declamava, pozeram-n'o em evidencia, e no dia 1 de janeiro de 1863, o artista que apenas dois annos antes *debutára* era feito societario, do primeiro theatro do mundo.

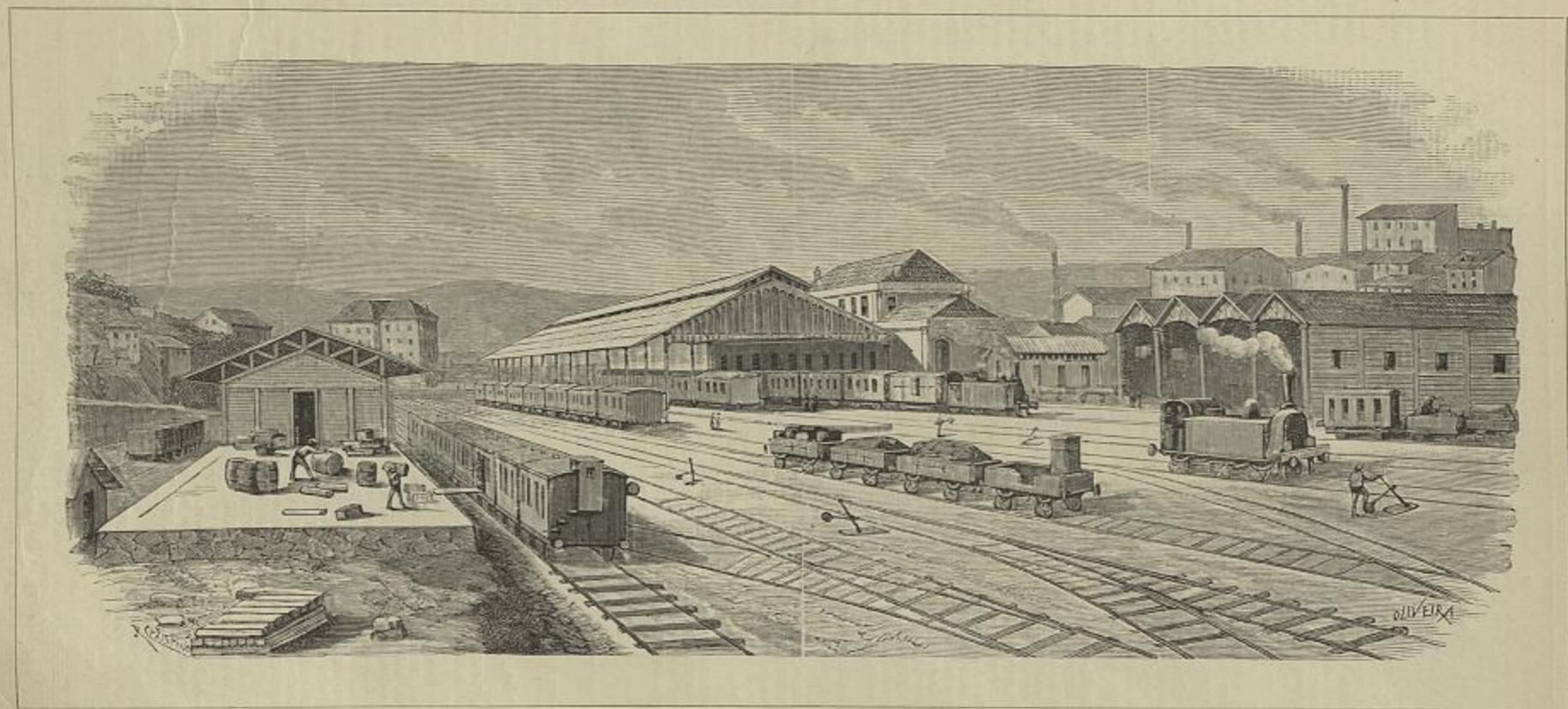
É verdade que n'esses dois annos Coquelin não só obtivera um successo extraordinario, mas trabalhára rudemente; desde 7 de dezembro de 1860 até 18 de dezembro de 1862—em dois annos o juvenil artista representára a bagatella de 43 papeis differentes.

ANTONIO JOAQUIM DA SILVA COSTA
CAPITÃO DE MAR E GUERRA, COMMANDANTE DA DIVISÃO NAVAL DA AFRICA ORIENTAL
FALLECIDO EM MOÇAMBIQUE EM 13 DE ABRIL DE 1887
(Segundo uma photographia de Schuren)

Desde 7 de dezembro de 1860 até 1 de setembro de 1864, Coquelin creou no theatro francez 38 papeis novos a saber:

O papel de Anselmo, na *Chuva e bom tempo;* de José, na *Lei do Coração;* de marquez, em *Corneille á la butte Saint Roch;* de Anatole, no *Camarote da Opera;* de John, no *Trop curieux*, no *João Baudry;* de Michaud, na *Familia de Pernavan;* de Harpon, no *Voltaire au Foyer;* de Aubin, no *Egoismo;* de Muller, no *Adieu paniers vendanges sont faites;* de Felippe, na *La Volonté de Gagneux;* de Vicente, no *Cravo Branco;* de Mercurio, na *Pomme;* de Aristides, nos *Amores de Leão;* de Gringoire, no *Gringoire;* em 21 de junho de 1866, de Virou, no *Galileé;* de Adolpho, no *Paul Forestier;* de Mycelleo, no *Coq de Mycelle;* de Georges, na *Histoire ancienne;* de Georges, nos *Casamentos Bastardos;* de Deniers, no *Juan Strenner;* de Laroche, *N'um marido que chora;* de Visconde, nos *Leões e rapozas;* de Marcel, nos *Ouvriers;* de Achilles, na *Christiane;* de Barlette, na *Nany;* de Medico, no *Absent;* de marido, no *Desquite;* de Roblot, no *João de Thomeray;* de Tabarin, na *Tarbarin*; de duque de Septmonds, na *Estrangeira;* de Jean Dacier, no *Jean Dacier*; o protogonista do *Luthier de Cremone;* de Leopoldo, nos *Fourchambault;* de Scapin, no *Diogenes et*

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA—TUNNEL DOS TERREMOTOS
(Desenho do natural por J. R. Christino)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Caminho de Ferro de Lisboa a Cintra—Estação Principal, em Alcantara

(Desenho do natural por J. R. Christino)

Scapin; de Paulo, na *Sociedade onde a gente se aborrece*; de Florence, nos *Irmãos Rantzou*. Magnifico em todo este reportorio moderno, Coquelin é soberbo no grande reportorio classico, e Mascaillo e Frontin, e Figaro, são dos seus mais notaveis papeis.

Não ha um unico papel do velho reportorio, diz um critico de Coquelin, em que elle não tenha sido excellente: em alguns tem sido extraordinario. Do papel de Loyal no *Tartufo* que antes de ser representado por elle era tido por um comparsa, fez Coquelin um personagem importante. Nos *Facheux* de Molière ha uma scena que na peça nada vale, aquella scena em que Liandro propõe ao marquez cantar-lhe e dançar-lhe um trecho de sua composição: pois feita por Coquelin essa scena é uma das melhores da comedia, como tambem é uma obra prima aquella scena dos livros, no 2.º acto do *Oscar*, que elle representou em D. Maria, e em que sem dizer uma unica palavra, simplesmente com a expressão, faz durante cinco minutos arrebentar a rir o espectador.

Coquelin não limita o seu talento a comedia nem a um determinado genero de personagens; estuda todos os generos mais oppostos, todos os papeis mais diversos sempre com um extraordinario talento, uma extraordinaria arte e um extraordinario successo.

Coquelin está sempre dentro do seu personagem, nota um critico francez, e apesar de representar muitas vezes papeis parecidos, elle nunca se parece comsigo proprio, varia incessantemente os seus effeitos, o seu jogo sceneo, com uma verve, e uma flexibilidade excepcionaes.

No monologo, Coquelin não tem competidor: é assombroso, é a ultima palavra da arte de dizer. Ouvil-o recitar o *Naufrago*, ou o *Sub-perfeito*, ou o *Corvo e a Raposa*, é um verdadeiro encanto.

Coquelin não é só um grande artista, um recitador sem rival, é um conversador espirituoso e alegre, um *conferenciador* de primeira ordem, um professor eminente da sua arte e tambem escriptor e escriptor muito distincto, nas suas horas de repouso.

Das suas principaes obras podemos citar: *A Arte e o Comediante*, *Moliere* e o *Misantropo*, o *Arnolpho de Moliere*, *Tartufo*, *Um poeta do lar*, *Um poeta philosopho*, *Um poeta nacional*.

Coquelin teve recentemente umas questões com a *Comedie française*, e sahiu em *tourneé* artistica pelo estrangeiro: é a isso que devemos o prazer delicadissimo e raro de o ouvir e admirar em Lisboa.

A primeira serie das suas representações, seis recitas, foi concorridissima, e a segunda e ultima serie de quatro representações, que começa amanhã, 2 de maio, terá com certeza o mesmo grande e ruidoso successo.

R.

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 300)

Em 20 de junho de 1827 appareceu uma medida contra a imprensa periodica, assignada pela infanta e rubricada pelo visconde de Santarem.

A estes acontecimentos seguiu-se o decreto de 2 de julho pelo qual o imperador, receioso sem duvida de novas agitações, nomeava seu irmão logar tenente para em seu nome governar e reger os reinos de Portugal e Algarves conforme determinava a Carta.

Pouco tempo depois entrava em Lisboa, desembarcando em Belem, com todos os apparatos d'um conquistador, o infante D. Miguel (22 de fevereiro de 1822) tendo logar em côrtes a ratificação do seu juramento e recebendo em acto seguido (no dia 26) a regencia do reino das mãos de sua irmã, a infanta D. Izabel Maria.

Começou então o segundo periodo do despotismo.

A liberdade da imprensa — verdadeiro simulacro de liberdade — ainda assim circumscripta como estava aos estreitos limites que lhe impunham, por pouco tempo poude respirar, como se vê, mesmo apesar dos juramentos de obdiencia ao determinado na Carta, e ás promessas solemnes de a fazer cumprir e guardar e de respeitar as regalias que ella offerecia ao povo portuguez.

A imprensa periodica ficou unicamente limitada á *Gazeta de Lisboa* e ao *Correio do Porto*.

Em 13 de março o infante dissolvia as côrtes constitucionaes; em 5 de maio convocava os Tres Estados e em 23 de junho estes se reuniam no palacio da Ajuda e o proclamavam, com a maior pompa e luzimento *D. Miguel Primeiro, rei absoluto*, tendo logar o juramento no dia 7 de julho, no referido palacio com toda a solemnidade da antiga monarchia.

Dado este passo estava abertamente travada a lucta entre liberaes e absolutistas, e ella se empenhou forte e temerosa; terrivel, cruel e dilacerante como são todas as luctas intestinas dos povos, essas furiosas tempestades que se desencadeiam, submergindo no abysmo as mais sanctas reliquias do passado como as mais nobres aspirações do presente, essas convulsões que entre a dessolação e a morte só conseguem deixar um rasto de sangue e um ponto negro na historia das nações cultas e civilisadas.

A revolução do Porto em 16 de maio; o pronunciamento da Madeira e dos Açores; a famosa victoria da Villa da Praia em 11 de agosto de 1829; a abdicação do imperador do Brazil da sua corôa imperial em 7 de abril de 1831 em seu filho D. Pedro d'Alcantara; a sua partida para a Europa; e por fim, como cupula gloriosa, as sabias reformas liberaes de Mousinho da Silveira, vieram reforçar muito o partido constitucional e oppôr aos contrarios os mais vigorosos elementos de vida e, portanto, de resistencia.

Não tentaremos descrever as scenas de carnificina que se seguiram e as represalias violentas d'uma e d'outra parte; bastará sómente que consignemos com o maior jubilo os dias 23 e 28 de julho de 1833 como aquelles em que raiou com todo o seu esplendor offuscante a aurora querida da nossa liberdade.

Graças ás espantosas victorias dos constitucionaes, o regimen liberal viu-se de novo implantado em Portugal e os fóros e livres prerogativas da imprensa, d'essa sublime instituição que gemia sob o peso do despotismo, readquiriu todo o fulgor que lhe era devido.

Foi por esse tempo que começaram a publicar-se as *Chronicas Constitucionaes*, e outros periodicos liberaes que exaltaram o constitucionalismo e o imperador D. Pedro e sua augusta filha.

Em 24 de setembro de 1834 falleceu o imperador, deixando D. Maria da Gloria, ainda uma creança, á testa da governação d'um paiz onde fervilhavam em confuso ruido, como o fogo nas entranhas d'um vulcão, as machinações do partido legitimista; a anarchia no exercito e as discordias entre os cartistas puros, chamados os *amigos de D. Pedro*, e o novo partido progressista, cujo chefe era o marquez de Saldanha.

Em 10 de setembro de 1836 explosiu a revolução preparada pelo partido progressista, com o fim de restabelecer a *constituição de vinte*.

O rainha constrangida a acceitar uma fórma de governo que lhe desagradava, tanto a ella como á côrte, porque era excessivamente democratica, declarou-a em vigor com as modificações que as côrtes geraes houvessem de decretar, modificações que não appareciam, porque se estava á espera de qualquer golpe de Estado que restituisse o poder á Carta, posta de lado.

Em 3 de novembro teve logar a *Belemsada*, promovida pela propria soberana com o fim de restaurar a Carta, mas essa tentativa abortou, custando algumas vidas e entre ellas a do notavel homem de estado Agostinho José Freire.

Em 12 de julho de 1837 o batalhão de caçadores 4, que se achava na Barca proclamou a Carta reunindo-se-lhe infanteria 9 que se achava em Braga e tomando o commando das tropas o barão de Leiria. Na mesmo dia o barão de Cacilhas a proclamou em Estremoz. Em 17 foi proclamada em Castello-Branco pelo general Osorio e em Torres Novas pelo Barão de S. Cosme.

No dia 17 de agosto declarou se abertamente a revolta chamada dos marechaes.

Todas essas tentativas ficaram frustadas, graças ás immediatas e energicas providencias do partido progressista que de certo, ainda assim, perderia a partida se não fosse o convenio do Campo da Feira, cujo armesticio serviu para reforçar as tropas do governo quasi anniquilladas e abatidas.

Em 9 de março de 1838 teve logar a sublevação dos batalhões do Arsenal com o fim de derrubar o governo.

A final em 4 de abril de 1838 a rainha teve de jurar em Côrtes a Constituição de 1822 na qual pelo artigo 13 todo o cidadão podia *communicar os seus pensamentos pela imprensa, ou por qualquer outro modo sem dependencia de censura prévia, regulando a lei o exercicio d'esse direito, e que nos processos da liberdade da imprensa o conhecimento do facto e a qualificação do crime, pertenceriam exclusivamente aos jurados.*

As discordias porém não abrandaram. O partido cartista não deixava de trabalhar para o restabelecimento da Carta. Outros pretendiam modificações ainda mais democraticas que as que offerecia a nova constituição.

Em 14 de junho, por occasião da procissão de *Corpus-Christi* os batalhões da guarda nacional levantaram gritos subversivos dando *vivas á constituição de vinte pura*. Esta revolta foi suffocada pelo visconde de Sá.

Em 26 de agosto de 1840, deu-se a revolta de Castello-Branco, promovida pelo tenente coronel Miguel Augusto de Sousa, com o fim de derribar o ministerio setembrista Bomfim — Rodrigo de Magalhães. Miguel Augusto de Sousa nada poude conseguir, sendo victima da sua propria tentativa.

Emfim em 27 de janeiro de 1842 teve logar a contra-revolução do Porto, promovida por Costa Cabral para a restauração da Carta, e no dia 10 de fevereiro era derribada a constituição de 1838 e a rainha convocava a reunião de côrtes extraordinarias para a reforma da Carta (dec. de 10 de fevereiro de 1842).

Essa promessa não se cumpriu resultando rebentar em 4 de fevereiro de 1844 a revolta de Torres Novas concitada pelos homens mais influentes do partido progressista (1) e em seguida a grande revolução do Minho, tempestade que a rainha pretendeu conjurar chamando ao poder o duque de Palmella e promettendo convocar côrtes constituintes, mas, no dia 6 de outubro, seis mezes depois d'essa promessa, deu o celebre golpe de estado, demittiu o ministerio popular encarregando o marquez de Saldanha de formar novo gabinete afim de consolidar o pleno restabelecimento da Carta.

Então o Porto revoltou-se em peso. Uma *Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino*, foi nomeada. A guerra civil alastrou-se por toda a parte produzindo muitas victimas e só poude findar pela intervenção estrangeira, aprisionamento da esquadra naval dos revoltosos e pelo convenio de Gramido assignado em 29 de junho de 1847.

O partido Cabralista triumphava pois orgulhoso da sua victoria não obstante a geral manifestação d'um povo inteiro, mas a marcha successiva dos acontecimentos, que raras vezes deixa de ser providencial para a realisação d'um pensamento, conseguiu aplanar as difficuldades que pareciam esbravar o caminho.

Em 1851 o marechal Saldanha, a quem o paiz devia o golpe de estado de 6 de outubro, e portanto, a lucta que se travou produzida por esse acto inconsiderado d'um homem previdente, cheio de sã experiencia e de valor, n'esse anno, que ficou indelevel na historia publica do nosso paiz, tendo se dado certas desintelligencias entre o conde de Thomar e o nobre marechal, este, despeitado declarou-se em guerra aberta contra o governo e proclamou a necessidade da reforma da Carta.

Este movimento militar sustentado pela espada de mais rija tempera, que então havia no exercito, foi recebido com geral sympathia. O ministerio cabralista cahiu para nunca mais se levantar e em 5 de julho de 1852 a rainha sanccionava o acto addiccional á Carta, abrindo-se assim a brilhante época chamada da REGENERAÇÃO.

Talvez tenha sido longo, mas estes topicos das luctas civis em Portugal, promovidas pelos diversos partidos politicos, são muito necessarios para a historia do nosso jornalismo, porque é nas folhas periodicas que essas luctas mais se denunciam, é n'ellas onde mais se accentua e se affirma a opinião publica e onde melhor se avaliam as cousas que mais affectas teem sido ao povo.

A historia do jornalismo prende tanto com a historia dos partidos politicos como se identifica com os progressos moraes e materiaes d'um povo. São os elos d'uma cadeia que difficil senão impossivel é desligar.

Com o fallecimento da rainha constitucional subiu ao throno seu filho, o sr. D. Pedro V, rei bondoso e muito illustrado mas com bastantes tendencias a reaccionario.

Vê-se, portanto, n'este curto reinado caminhar impavida a reacção, não obstante os exforços de Vicente Ferrer Netto de Paiva e Alexandre Herculano.

Estava então no seu apogeu e partido regene-

(1) O partido setembrista havia admittido em seu seio alguns homens politicos que tinham combetido o movimento de Setembro, mas que agora se declaravam contra os actos da administração de Costa Cabral. — A revolta terminou com a capitulação da praça de Almeida assignada pelo conde de Bomfim.

rador (1) que havia reformado a Carta com o acto addiccional de 5 de julho de 1852 e operado em todo o paiz as mais rasgadas e importantes reformas conseguindo adquirir grande prestigio nos circulos politicos, e intimar-se no animo do rei.

Para resistir á regeneração, e mesmo para salvar as tradições da revolução de setembro que se achavam abaladas, formou-se o novo partido chamado *Historico*, á testa do qual se collocou José de Passos irmão do audacioso e ardente tribuno Passos Manuel.

Foi este partido, que começou bafejado pelas auras da maior popularidade, que serviu para ainda mais anniquillar o já esphacelado partido cabralista.

D. Pedro v por um rivaramento facil de prever affeiçoara-se ao partido historico onde estavam os maiores reaccionarios d'aquelle tempo taes como o duque de Loulé, Silva Sanches, Antonio José d'Avila, Carlos Bento da Silva, e o duque da Terceira, pertencentes ao velho partido conservador e de certo, mal iria aos negocios do estado se n'esse novo partido se não contassem como antidoto ás suas doutrinas delecterias Sá da Bandeira, Braamcamp e outros velhos setembristas.

Silva Pereira.

(Continua.)

(1) Approvavam as doutrinas do partido regenerador a *Revolução de Setembro* e a *Reforma* e as do partido conservador o *Estandarte*, a *Lei*, e o *Nacional* do Porto.

FONTES PEREIRA DE MELLO

X

Dissemos no ultimo artigo que Fontes Pereira de Mello sahira triumphalmente do ministerio e era a verdade.

—Tinhamos tanto a consciencia de que a opinião publica nos não abandonára, contou nos o grande estadista, que, apesar da impopularidade que pareciam traduzir os quarenta ou cincoenta mil peticionarios, no dia em que démos a demissão fomos para o theatro. Não o ousariam fazer, principalmente n'essa epocha ainda agitada, ministros que tivessem sido expulsos do poder pela animadversão publica. E effectivamente não tivemos alli senão testemunhos de sympathia, e o novo ministerio, ao apresentar-se ao parlamento declarou que o *seu programma era o dos seus illustres antecessores*.

A cada momento a victoria do ministro demittido se affirmava mais. Depois da declaração do ministerio, vinha a sua acceitação do accordo de Londres, que elle mesmo apresentara á camara dos pares. O ministerio regenerador caíra, porque não tinha na camara dos pares maioria que lhe approvasse essa medida, sem a qual entendia não poder viver. O ministerio progressista perfilhára-a, e fazia-a sua. E Fontes dizia na sessão de 18 de julho de 1859, quando o seu projecto de accordo, voltando da camara dos pares com leves alterações, era approvado pela dos deputados:

«E este um dos dias mais felizes da minha vida, este em que, estando fóra do poder, vêjo approvado este accordo; dou os parabens aos srs. ministros, que, reconhecendo as vantagens do accordo, o adoptaram, e os ministros merecem louvores por terem conhecido a altura da sua posição, *respondendo com a approvação da medida financeira mais importante do ministerio passado ás quarenta mil assignaturas que se levantaram no paiz contra a sua medida.*

«Dou pois os parabens aos srs. ministros por terem feito com que esta medida tão necessaria e importante passasse no parlamento, e tenho intima satisfação em vêr que as minhas idéas acham seguidores em homens tão distinctos e respeitaveis como os que se acham á frente dos negocios publicos.»

Mas, se a sua popularidade e a do ministerio regenerador podesse ainda inspirar quaesquer duvidas, tirou-as a eleição de Lisboa para a legislatura immediata, estando no poder o ministerio progressista. Os quatro deputados de Lisboa foram Casal Ribeiro, Antonio Rodrigues Sampaio, José Estevão e Fontes Pereira de Mello. Lisboa tem sempre escolhido homens muito dignos para seus representantes, mas parece-nos que rarissimas vezes se lembrou de illuminar os horisontes parlamentares com uma constellação d'esta ordem. Era verdadeiramente a representação da capital do reino, do grande centro pensador do paiz.

O ministerio historico havia de passar por força uma vida atribulada. Os seus membros tinham combatido tão asperamente o gabinete regenerador que realmente as declarações, que faziam a cada instante e que os factos confirmavam, de que seguiriam passo a passo o caminho dos seus predecessores, não podiam deixar de os expôr á critica acerba dos que tinham sido suas victimas, e que triumphavam agora a cada momento.

Pois um dos ministros, cujo nome não citamos, porque estes artigos estão completamente fóra da influencia da politica partidaria, um dos ministros não dissera na opposição, *que havia quem não só fizesse caminhos de ferro de graça, mas quem até désse dinheiro ao estado para lh'os conceder de futuro*.

A quem fizera esta affirmação coube exactamente, na distribuição das pastas, a das obras publicas, e, como era natural, Fontes perguntou-lhe se não encontrára as taes pessoas que não só faziam caminhos de ferro de graça, mas que até davam dinheiro para terem o gosto de os construir. Não entrava decerto n'essa phalange sir Morton Petto com quem o governo acabava de fazer um contracto que estava muito longe de ser gratuito.

Todas as armas com que tinham procurado trucidar o ministerio regenerador se voltavam agora contra elles, e Fontes Pereira de Mello, sustentando na opposição os mesmos principios que defendera no ministerio, adquiriu com isso uma auctoridade e um prestigio que sempre lhe déram no parlamento uma posição á parte.

Uma das phrases, proferidas por Fontes Pereira de Mello, que melhor tinham servido os interesses dos que procuravam derrubal-o fôra a famosa phrase: «*O paiz pode e deve pagar mais*» Foi por muito tempo esta phrase o estygma que os adversarios de Fontes Pereira de Mello lhe estamparam na fronte para o designarem á colera dos contribuintes. E comtudo a phrase era verdadeirissima, e tão verdadeira que o paiz paga hoje o triplo do que pagava quando a phrase se proferiu. E curioso tambem que os adversarios de Fontes desejassem considerar esta phrase como um programma permanente, quando, sem duvida alguma, pode-se dizer em 1855 que o paiz póde e deve pagar mais sem se continuar a dizer o mesmo depois do paiz ter pago effectivamente muito mais do que pagava em 1855. Mas até ao fim da sua vida Fontes Pereira de Mello foi perseguido por esta phrase.

Cuidam porém que Fontes, ao passar para a opposição, para requestar uma ephemera popularidade, fosse dizer o que os seus adversarios diziam, sustentar as theorias que elles sustentaram? Não. Acceitava energicamente a paternidade d'essa phrase e repetia:

«Ainda hoje estou convencido, dizia elle na sessão de 1859 em que representava não já Lisboa porque as camaras tinham sido dissolvidas e o governo fizera á sua candidatura uma guerra mortal, mas a Ilha Terceira, ainda hoje estou convencido de que o paiz póde e deve pagar mais, mas póde e deve pagar para o desenvolvimento dos seus recursos materiaes, para caminhos de ferro, para estradas, para obras publicas, e n'uma palavra para augmentar a sua riqueza e habilitar os contribuintes a pagarem as contribuições existentes de uma maneira mais proficua, mais facil, e mais util para o thesouro.

Assim é que Fontes se mostrava homem de governo, e era fazendo o contrario que os seus adversarios se gastavam promptamente. As difficuldades com que luctou para continuar a obra da Regeneração sem ao mesmo tempo irritar os contribuintes, cuja indignação tinha incitado, collocaram o ministerio em terriveis embaraços. Tinham adiado a grave questão dos impostos e debatiam-se em difficuldades de toda a especie. Foi o que succedeu sempre aos successores de Fontes, porque este, longe de legar aos seus successores o encargo de pagar os melhoramentos que elle iniciára, caiu sempre por ter apresentado a conta d'esses melhoramentos, e por lhe ter exposto lealmente a necessidade de os pagar.

Os grandes melhoramentos de 1851, o restabelecimento do credito publico, o pagamento em dia aos funccionarios exigiam sacrificios do paiz. Fontes não hesitou em pedil-os, e muito mais se insurgiram os 40:000 peticionarios.

Em 1867 novo impulso aos melhoramentos publicos, reorganisação das forças militares, e para occorrer a tudo isso, quiz Fontes estabelecer o imposto de consumo. Protestou a *janeirinha*.

Em 1886, acabando de se imprimir uma grave transformação ao exercito, de se dar impulso á marinha, de se ampliar o nosso dominio colonial, de se fazerem nas colonias importantes melhoramentos, de se alargar a nossa réde ferro-viaria, de se tratar dos portos de Lisboa e de Leixões, o ministerio Fontes pediu tambem lealmente ao paiz os recursos necessarios; sahiu do poder mas fizera o que devia.

O gabinete do marquez de Loulé via que não podia caminhar, a questão *Charles et George* veiu dar-lhe um golpe mortal. Ainda arrastou alguns mezes de uma vida tristissima. O debate parlamentar a respeito da questão *Charles et George*, travára-se em dezembro de de 1858. Na sessão de 21 de fevereiro de 1859 bradava José Estevão:

«Abaixo o ministerio, abaixo! e não nos importa quem vem; abaixo pelos meios constitucionaes e pelo voto do parlamento!»

A 16 março de de 1859 pedia o ministerio a demissão, e o duque da Terceira organisava um ministerio regenerador, em que entrava Fontes Pereira de Mello com a pasta do reino. Ia apresentar-se ao paiz o grande estadista debaixo de um novo aspecto.

Pinheiro Chagas.

(Continúa.)

RESENHA NOTICIOSA

Colcha bordada. A sr.ª D. Maria Margarida Callado Carrilho, de Alter do Chão, bordou uma riquissima colcha de seda, que tem estado exposta nas salas do «Commercio de Portugal». A colcha é de setim vermelho bordada a ouro e prata tendo dez figuras em relevo, representando genios que sustentam as armas de Portugal na epoca de D. Affonso Henriques, de D. João 1, de D. Manoel e as actuaes etc. E um trabalho primoroso que levou tres annos a fazer á sua auctora a qual o executou sob a direcção da professora sr.ª D. Maria da Conceição de Gusmão Serra Silva.

Um destruidor do phyloxera. Dizem da America que em alguns estados da União, tem apparecido uma especie de formiga alada que destroe o phyloxera, deixando as cepas completamente limpas do terrivel bichinho. Que tão benemerita formiga dê o seu passeio até á Europa é o que devemos desejar e que ella pelo bem que pratica, compense o mal que as suas irmãs de cá fazem á agricultura.

Fallecimento. Falleceu no dia 22 de abril na sua quinta de Lamarosa suburbios de Coimbra, o sr. visconde de Monte São, lente de Prima, decano e director da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra. O illustre academico finou-se com 69 annos de idade, tendo gasto a sua vida no serviço da sciencia e das letras, com os mais lisonjeiros resultados. A sua enfermidade e morte assistiram os seus filhos que o rodearam de todos os cuidados e carinhos, desvelos filiaes que o não poderam arrancar ás garras inexoraveis da morte. O seu funeral realisou-se no di 24 entre as maiores demonstrações de respeito e saudade por parte de numerosos amigos que o acompanharam ao tumulo. Em breve publicaremos o retrato e biographia d'este benemerito lente da Universidade, que era ao mesmo tempo um chefe de familia exemplar, familia que elle creou e educou nos mais sãos principios do bem, sendo os seus nobres exemplos o não somenos patrimonio que lega a seus filhos, que o estremeciam. A seu filho e nosso estimado amigo sr. conde de Valenças e a toda a illustre familia Jardim os nossos sentidos pezames.

Novo aerostato. Os srs. Frantz de Villars ex-official de cavallaria do exercito francez e Edmond Marc, architecto, inventaram um novo aerostato dirigivel de um novo systema e cujo motor é a electricidade. Este aerostato foi offerecido pelos seus inventores ao ministerio da guerra, de França.

Real Gymnasio Club. Em a noite de 25 de abril realisou esta sympathica sociedade mais uma festa brilhante á qual concorreram muitos convidados e familias dos socios. O sarau compoz-se: de exercios gymnasticos desempenhados com toda a mestria pelos socios srs. Pedro de Oliveira, João Possollo, Augusto de Miranda, Lazametta e A. Africano, não se podendo executar um dos numeros do programma, o *triplo trapezio* em consequencia do sr. Portella ter deslocado um braço; de sortes de prestidigitação pelo sr. Cesar de Oliveira que foi calorosamente

applaudido; e de concerto pela fanfarra da Real Academia de Amadores de Musica que executou superiormente varias peças de musica, não podendo deixarmos de especialisar a *Phantasia Militar* do sr. Pedro Vieira. A festa terminou por um esplendido baile. Agradecemos o convite.

Costodia do convento da Estrella. Esta magnifica costodia, de um primoroso trabalho de ourivesaria, em prata dourada e pedras preciosas, avaliada em 1:545$000 réis, vae ser arrecadada na thesouraria da Sé de Lisboa.

Obras do porto de Lisboa. A Associação Commercial de Lisboa de accordo com a Sociedade de Geographia, vão promover grandes festejos populares por occasião da inauguração das obras do porto de Lisboa, que deverá ser em agosto proximo.

Quadros de Grão Vasco. Uma sociedade artistica de Londres encarregou o pintor italiano sr. Emilio Constantini de copiar os quadros de Grão Vasco existentes na Sé de Vizeu e Misericordia do Porto. O sr. Constantini já partiu para Vizeu.

Fundação de Roma. Dizem as folhas italianas que no dia 21 do mez passado se celebrou em Roma o anniversario da sua fundação. Segundo Catão, Roma foi fundada no anno 751 antes de Jesus Christo, e portanto ha 2:638 annos. Varro affirma, porém, que foi construida no anno 753 antes de Christo, ou no terceiro da sexta Olympiada, e então ha 2:640 annos.

O ACTOR COQUELIN

Nova machina para transporte de tropas. Acabam de se realisar em Aldershot umas experiencias feitas com uma machina para transporte rapido de tropas.

Um apparelho a que dez homens dão impulso põe-se em movimento por meio de uma combinação de rodas que permittem a velocidade de 20 kilometros por hora, quer seja em subidas, quer em terrenos accidentados. As experiencias deram bom resultado.

O padrão de Diogo Cão no Zaire. Por um telegramma recebido de Loanda, sabe-se que o sr. França, delegado do governo em Santo Antonio, descobriu o padrão de Diogo Cão na foz do Zaire.

Os restos do Rossini. Vão ser trasladados de Paris para Florença os restos de Rossini. Prepara-se para este acto uma apotheose ao insigne maestro. Cantar-se-ha o *Stabat* n'um côro de 1:200 vozes. O *ensemble* da ceremonia será triumphal.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÁS NECESSIDADES POPULARES DEMONSTRAÇÃO:

Portugal, paiz pequeno em relação a outros;—grande, porém, isoladamente encarado, tem na parte material recebido melhoramentos condignos da sua antiga fama, e póde-se affirmar que em relação a outros de maior grandeza em população e recursos, não se ficou atraz da civilisação geral. Desde 1833, por entre a guerra de irmãos, já começavam de transparecer, embora assustadas pela voragem dos fratercidios, as aspirações do povo para as reformas economico-politicas, porque os moldes, em que os governantes tinham vasado as leis do tempo, eram restrictos, apertados, e forçoso era estoiral-os. Depois, com o caminhar dos tempos, caminharam os homens, e, de governo em governo, veio mais tarde um estadista, a quem se não póde furtar a grande iniciativa da mór parte dos melhoramentos de Portugal. Foi esse homem—Antonio Bernardo da Costa Cabral, mais tarde—Marquez de Thomar.

Os que lhe vieram depois, só vieram dar o relêvo ás estatuas que o illustre *cavouqueiro* havia contornado em traços geraes.

A instrucção primaria, a estatua *mais pequena nas dimensões*, essa, como que de *menos valia*, foi a que menos cuidados mereceu a futuros successores, e apenas em 1872 houve um *esculptor*, que, pretendeu formar-lhe o rosto; mas alindou-lh'o ás escuras, e por isso não se lembrou de lhe pôr os olhos!

Estatua Céga, que não vê, (á falta de olhos que esqueceram) apenas sente em tôrno de si os gemidos tristes dos seus *religiosos*.

Sente-os e bem ao longe, quando é pelo lusco fusco da noite, extender a mão, á caridade, envergonhados, porque teem fome, e os pequenos senados dos concelhos, filhos dos antigos, apenas sentem a cabeça, que perdeu o fio para o coração.

A pobre estatua transsuda lagrimas, que não póde chorar pelos olhos, que os não tem, ao ouvir tantas desgraças *tristes*: e tanta vergonha *alegre* para os que exultam com a penuria alheia.

São os religiosos da *nova ordem*, os apostolos do povo, em seu ensino, os mestres das creanças, os a que nos referimos, e que estão por essas provincias, padecendo fome e frio, pois que lhes não pagam para comerem e para se vestirem.

Famintos e quasi nús, arrastam a mór parte d'elles os andrajos da mendicidade pelos escolhos da vida attribulada, e só lhes falta trazerem o surrão ás costas.

No meio de tanto soffrer, mesmo assim, os miseros continuam, que teem medo das algemas da lei, que os precipite no abysmo com a ameaça da demissão! E elles, coitados, só olham e pôem esperanças no futuro, e d'ellas se alentam.

Pedem esmola, sim, pedem, pedem; sabem-n'o todos pelos jornaes diarios, por cartas e pela tradição de toda a especie. Os professores de ensino primario descentralisou-os a lei de 2 de maio; e, tanto os descentralisou que elles, de muitos, vagueiam pelas povoações circumvizinhas da eschola, á procura do cibo, como os passaros, esgarabulhando por aqui e por acolá. E querem maior descentralisação?

E os governos? O que fazem? Pois ainda se illudem com a descentralisação do ensino primario? Pois não veem, por estes frisantes exemplos que a mór parte das camaras dos concelhos não teem ainda a civilisação precisa, que lhes desperte no peito o amor pelo progresso do ensino, e que muitas d'essas corporações apenas soletram á antiga, e Deus sabe com que difficuldade, mesmo assim?!

De mais se vão conhecendo os effeitos, que tem produzido a lei de 2 de maio.

Que bonita reforma, toda cheia de preceitos e tão estofada de promettimentos! E os meios, o dinheiro com que pagar aos professores?

Theorias, e disse.

(Continua) S.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Anneis, *esboço* por A. C. Teixeira de Aragão. Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1887. Um folheto de 25 paginas de texto e 2 de estampas representando anneis. Este estudo é muito curioso, porque, além de fazer a historia resumida do annel, apresenta alguns desenhos de anneis muito antigos que constituem um verdadeiro estudo das formas d'estas joias, principalmente nas chapas dos mais phantasiados desenhos. A reconhecida competencia do sr. Aragão sobre estes assumptos, dispensa-nos de encarecer este seu trabalho, que estamos certos será devidamente apreciado por quantos se entregam aos estudos archeologicos.

Bibliotheca de Educação e Recreio, *livros para a Infancia, illustrados com gravuras e chromotypographia*. Com este titulo acaba a casa editora David Corazzi de publicar uma serie de livrinhos destinados á infancia, á similhança do que está adoptado nos paizes em que mais se cuida da educação e instrucção da creança. São pequenas historias infantis proprias a aguçar a curiosidade da creança e a fazel-a tomar gosto pela leitura, principiando pelo alphabeto e syllabario aos quaes se seguem uns contos e umas discripções de animaes selvagens e domesticos que são outros tantos exercicios de leitura illustrados com estampas coloridas, o que tudo augmenta os attractivos d'estes livrinhos para as creanças.

Boletim da Academia Portugueza de Amadores Photographicos, n.º 1, abril de 1887. É a primeira publicação que se faz em Portugal exclusivamente dedicada a assumptos photographicos. Nasceu de uma instituição, que um grupo de distinctos amadores photographos, fundou ha pouco, em Lisboa, com o titulo de *Academia Portugueza de Amadores Photographicos* e que é de esperar tenha um largo futuro, visto o desenvolvimento que a photographia tem tido n'estes ultimos tempos.

Revista Illustrada, director, redactor principal, Luiz Antonio Gonçalves de Freitas, Lisboa. Depois de uma pequena interrupção, chega-nos ás mãos o n.º 2 d'esta revista modernissima na forma e na elegancia da sua collaboração, tanto artistica como litteraria, superiormente dirigida pelo sr. Gonçalves de Freitas, poeta muito distincto e vantajosamente conhecido no nosso pequeno mundo litterario. Este numero da *Revista Illustrada* publica diversas poesias e contos firmados pelos srs. Alfredo Galles, Conde de Seisal, Ferreira Lobo, Gomes Leal, Gonçalves de Freitas, Luiz da Silva, Machado Correia, Paulo de Moraes e Santos Gonçalves. As illustrações são dos srs. A. Baeta, Joaquim Costa e Julio Galvão.

P. L. M. por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá, illustrações de Manuel de Macedo. David Corazzi editor, Lisboa, 1887. Volume II d'este romance parisiense que alcançou uma grande voga em França, nada inferior á que está tendo em Lisboa.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa